

## Vieses míticos em *The Awakening*, de Kate Chopin: a epifania no mar

*Mythical biases in The Awakening, by Kate Chopin: the epiphany at the sea*

Rosemary Elza Finatti<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa a obra *The Awakening* (1899), de Kate Chopin, sob o viés do sagrado feminino. Para tanto, a análise será norteada pelos pressupostos teóricos de Sandra Gilbert acerca do mito feminista e matriarcal de Afrodite/Vênus implícito no romance e o caráter mítico das instâncias narrativas, pelas reflexões de Catherine Clément e Julia Kristeva a respeito da simbologia do sagrado feminino e pelas considerações de Aparecido Donizete Rossi sobre a presença da deusa Afrodite na figura da heroína chopiniana. Partindo-se do pressuposto de que o sagrado feminino evoca resistência a toda e qualquer forma de opressão e limitação, a protagonista do romance demonstra resistência aos ditames patriarcais e transforma-se em uma mulher ousada e independente, que questiona a condição feminina e vivencia uma série de “despertares” de subjetividade, liberdade e autoafirmação.

**Palavras-chave:** *The Awakening*; Kate Chopin; Afrodite.

**Abstract:** The present article analyzes the novel *The Awakening* (1899), by Kate Chopin, under the bias of the sacred feminine. Therefore, the analysis will be guided by the theoretical assumptions of Sandra Gilbert about the feminist and matriarchal myth of Aphrodite / Venus implied in the novel and the mythical character of the narrative instances, by the reflections of Catherine Clément and Julia Kristeva on the symbology of the sacred feminine and the considerations of Aparecido Donizete Rossi about the presence of the goddess Aphrodite in the figure of the chopiniana heroine. Presupposing that the sacred feminine evokes resistance to all forms of oppression and limitation, the protagonist of the novel demonstrates resistance to patriarchal dictates and becomes a bold and independent woman who questions regarding the feminine condition and experiences a series of "awakenings" of subjectivity, freedom and self-assertion.

**Keywords:** *The Awakening*; Kate Chopin; Aphrodite.

### Introdução

Kate Chopin (1850 – 1904), uma das grandes vozes da estética realista estadunidense, não imaginou que a publicação de sua obra-prima *The Awakening* (1899) teria uma repercussão expressivamente negativa a ponto de contribuir para o fim de sua carreira literária. O romance escandalizou a sociedade americana do século XIX pela ousadia da protagonista que busca uma identidade feminina livre das amarras patriarcais. Tal ousadia assinala à Edna Pontellier a comparação por parte de alguns críticos à heroína de *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, e lhe atribui a alcunha de Bovary americana. Do ponto de vista de tais análises críticas, a protagonista de Chopin é vista como uma mulher sulista casada e insatisfeita com os papéis de mãe e esposa impostos pelos ditames patriarcais, que busca o amor, a liberdade e a autoafirmação, assim como Emma Bovary. E o final trágico do romance de Flaubert

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp – Araraquara, SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6123124938862607>. ORCID: 0000-0002-0605-4013. E-mail: [rosefinatti@gmail.com](mailto:rosefinatti@gmail.com)

serve de lição para advertir as mulheres das consequências que sofreriam caso desobedecem às regras de conduta moldadas pela sociedade *fin de siècle*.

Entretanto, é importante salientar a diferença marcante entre a heroína francesa e a heroína americana, sobretudo em relação à razão pela qual cada uma delas escolhe o caminho da transgressão. Emma é inspirada por paixões e pelo consumismo e busca realizar as aventuras amorosas dos romances que lia para fugir de um casamento infeliz. Em contrapartida, Edna questiona as limitações da condição feminina regida pela ideologia patriarcal e busca a liberdade profissional e sexual como forma de autoafirmação.

Diferentemente da perspectiva da crítica que considera *The Awakening* como a versão americana da obra-prima de Flaubert, o ensaio intitulado *The Second Coming of Aphrodite: Kate Chopin's Fantasy of Desire* (1983) evoca a dimensão mítica das instâncias narrativas ao considerar o romance como

[...] uma ficção feminina que, ao mesmo tempo, alinha-se e revisa o hedonismo *fin de siècle* para propor um mito feminista e matriarcal de Afrodite/Vênus como uma alternativa ao mito masculinista e patriarcal de Jesus (GILBERT, 1983, p. 44, tradução nossa).

Seguindo essa concepção temática acerca do sagrado feminino, que se desvincula de uma premissa religiosa, cujo viés subversivo é construído a partir da imagem de Afrodite em *The Awakening*, “pois “o sagrado entre as mulheres exprimiria uma reviravolta instantânea que atravessa o corpo, e que grita” (CLÉMENT; KRISTEVA, 2001, p. 17). Nesse sentido,

o sagrado, enquanto puder, se conservará; E conservará sua eficácia sobre os que lhe são sensíveis. Para tanto, exigirá ser reproduzido e fazer reproduzir-se todos os mitos e ritos que lhe dão forma e expressão no meio sócio-cultural (MORAIS, 1998, p. 75).

O romance mais controverso de Chopin retrata a história de emancipação de Edna Pontellier. Durante as férias de verão na colônia de veraneio em Grand Isle, Edna supera o medo de nadar e, a partir do primeiro nado no mar, ela começa a vislumbrar um universo de liberdade para agir de acordo com suas próprias regras. Ao retornar do banho noturno, sob o poder de deusa recém desperto no mar, a heroína começa a desobedecer ao marido e as imposições sociais do casamento e da maternidade. Ela decide mudar-se da mansão em New Orleans para uma pequena casa para dedicar-se

à arte e se sustentar com a venda dos quadros, abandonando a família para viver para si mesma, adquirindo, assim, a liberdade afetiva, sexual e financeira. Apesar da paixão por Robert, um amigo que a acompanhara durante a temporada de verão, ela se envolve com Alcée Arobin. No entanto, para a heroína de Chopin, o prazer de ser independente é mais importante do que qualquer vínculo afetivo e, no último capítulo do romance, Edna consagra-se como a deusa Afrodite ao entrar no mar na cena final.

No capítulo X, o mergulho nas águas do Golfo do México, em contato com o elemento original de Afrodite, a protagonista se transforma em uma mulher independente, desperta para o seu próprio espírito, para o seu poder de pensar e agir, de tomar suas próprias decisões e de ir e vir independentemente das regras patriarcais. Tal comportamento é inadmissível pela ideologia dominante do século XIX e, por essa razão, várias análises críticas consideram o desfecho do romance como um suicídio, o caminho escolhido pela heroína de Chopin por não conseguir se adequar ao modo de vida da sociedade sulista. Porém, a pertinência da imagem de Afrodite no romance e as implicações desta imagem apresentam novas possibilidades de leitura da obra e de contestação ao patriarcado sobretudo porque “Afrodite é uma ameaça para a sociedade patriarcal, sendo frequentemente retratada como sedutora, bruxa, mulher fatal” (RAPUCCI, 2011, p. 92).

### **Figurações da Afrodite chopinina**

A partir da concepção de Sandra Gilbert, a Afrodite de Chopin torna-se uma deusa detentora do poder sagrado feminino quando consegue resistir ao medo de nadar e rende-se aos encantos do mar em uma noite mítica delineada por uma atmosfera onírica. Ao emergir do mergulho nas águas do Golfo do México, a protagonista sente-se capaz de enfrentar as limitações da condição feminina e confiante para “nadar para longe, para onde nenhuma mulher havia nadado antes” (CHOPIN, 2002, p. 54-55).

O mar proporciona um mergulho interior na busca pela realização de seus anseios e, envolvida pelo poder de Afrodite, Edna decide agir de acordo com as suas próprias vontades e passa a desobedecer ao marido e às regras sociais.

[...] ela começou a fazer o que queria e a sentir o que queria.  
Abandonou completamente suas terças em casa e não retornava às

visitas daqueles que vinham à sua casa. Ela não fez nenhum esforço inútil para conduzir suas atividades domésticas em *bonne ménagère*, indo e vindo conforme sua vontade, e, sempre que podia, deixava-se levar por qualquer capricho passageiro. O Sr. Pontellier foi um marido amável enquanto ele encontrava uma certa submissão tácita em sua esposa. Mas sua nova e inesperada linha de comportamento o espantava completamente. Chocava-o (CHOPIN, 2002, p. 106).

A epifania da heroína de Chopin a impulsiona a buscar uma vida portadora de sentido, para além das implicações culturais que determinam à mulher dedicar-se inteiramente ao casamento e à maternidade. Nessa perspectiva, o sagrado feminino representa “a celebração desse mistério que é a emergência do sentido” (KRISTEVA, CLÉMENT, 2001, p. 21). Essa emergência de sentido simboliza a plenitude de viver para si mesma, de libertar-se das obrigações pertinentes aos papéis sociais de mãe e esposa, das limitações da esfera doméstica, da dependência financeira do marido, para dedicar-se ao prazer da arte e vivenciar experiências sensuais com Arobin, uma vez que o batismo nas águas do mar a desperta para o poder da deusa grega. Na Teogonia, Afrodite é associada à sedução, ao desejo, ao erotismo (RAGUSA, 2005, p. 163). Na Grécia, a deusa mítica é cultuada como Afrodite. No entanto, nos termos de Aparecido Donizete Rossi, “helenistas de renome afirmam que o mito de Afrodite não é grego, mas sim de origem asiática, tendo sido introduzido na Grécia por marinheiros e comerciantes” (ROSSI, 2006, p. 167). Na mitologia romana, Afrodite recebe o nome de Vênus, pois “na Roma Antiga, Afrodite ganha a roupagem de Vênus bem como representações de sua nova faceta” (GONÇALVES, 2017, p. 5).

A liberdade de transgredir os preceitos morais e de satisfazer os seus impulsos sexuais transformam Edna em uma mulher temida pela sociedade, visto que “seu desejo insaciável de enganar e seduzir fazem de Afrodite uma divindade que tanto os deuses quanto os homens temem” (RAGUSA, 2005, p. 269-270).

A identidade livre e ousada imprime em Edna um sentimento de inadequação social, pois ela não consegue se identificar com a imagem feminina de passividade e submissão, representada no romance pela personagem Adèle Ratignolle, que se alegra em dedicar sua vida exclusivamente aos filhos e ao marido. Esse sentimento a conduz para seu autoconhecimento, questionando o papel de mulher-mãe que parecia vazio de sentido para ela e ao qual não se encaixa.

[...] a Sra. Pontellier não era uma mulher-mãe. As mulheres-mães pareciam predominar naquele verão em Grand Isle. Era muito fácil reconhecê-las, batendo suas asas estendidas, protetoras quando qualquer mal, real ou imaginário, ameaçava suas preciosas ninhadas. Elas eram mulheres que idolatravam seus filhos, veneravam seus maridos, e consideravam um santo privilégio anular-se como indivíduos e cultivar asas como anjos auxiliares (CHOPIN, 2002, p. 19).

A imagem de “anjos auxiliares” atribuída às mulheres dialoga com a representação do anjo do lar de Virgínia Woolf, cuja imagem é representada pela condição feminina na sociedade patriarcal, cujas características ditam a conduta da mulher que deve ser

[...] extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrificava-se todos os dias. [...] – em suma, seu feitio era nunca ter opinião ou vontade própria, e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros (WOOLF, 1997, p. 42-43).

Para Virginia Woolf, a mulher só poderia encontrar liberdade de expressão e buscar seus anseios se matasse o anjo do lar. Caso contrário, ele anularia a mulher a ponto de sacrificar seus impulsos de vida. Nesse sentido, a heroína de Chopin mata o anjo do lar ao tomar consciência de seu próprio poder a partir do nado nas águas de Grand Isle. Regida pela força da deusa grega, Edna sente-se livre para viver plenamente, sem se preocupar com as imposições sociais, uma vez que

Afrodite tem consciência desse seu poder infinito e ilimitado enquanto personificação do feminino, ou seja, de que sua não-origem a torna um ser inapreensível pelo Logos, para além do Logos, para além do Falogocentrismo, pois se ela não tem um pai ela não está submissa ao pátrio-poder, e se ela não tem uma mãe ela pode ser todas as mães. Afrodite seria uma mulher/deusa independente por essência. Ela é uma mulher emancipada, uma deusa emancipada, livre de toda e qualquer amarra imposta pelo patriarcado (ROSSI, 2011, p. 341).

O conceito revolucionário do “amor livre” encontrado na figura de Afrodite simboliza um tema-chave para a libertação do desejo (TELLES, 1992, p. 59), anseio de transgredir as imposições sociais que determinam o comportamento da mulher e a enclausura no espaço doméstico onde deve dedicar-se exclusivamente ao marido e aos filhos, anulando-se como ser humano em nome do bem-estar da família. Como forma

de contestação da ideologia patriarcal, a busca pela autorrealização da protagonista evoca a deusa mítica, metáfora de poder, de desejo e da autonomia feminina.

Cabe ressaltar um dado biográfico que dialoga com a ideia da representação de Afrodite no romance. Per Seyersted, escritor norueguês responsável pela segunda biografia de Kate Chopin, afirma que na sala em que a autora lia e escrevia suas obras havia na estante uma estátua de Vênus, a qual, possivelmente, lhe inspirou a compor a heroína de sua obra-prima (Cf. ROSSI, 2011, p. 182). A partir dessa referência biográfica, pode-se presumir que a presença de Afrodite se revela nas instâncias narrativas durante toda a trajetória de autoafirmação da heroína de Chopin por meio de vários elementos como o cenário, as nuances subtextuais, que assinalam a presença da deusa de uma forma velada, através da personificação do mar cuja voz “é sedutora, nunca cessa, sussurrando, clamando, murmurando, convidando o espírito a vagar nos abismos de solidão” (CHOPIN, 2002, p. 210), por meio da referência mítica no jantar de aniversário de Edna e no desfecho que evoca a volta da deusa para o seu berço original. Tal recurso subtextual é uma estratégia literária da escrita feminina que se denomina palimpsesto, frequentemente utilizado pelas autoras

cujos planos superficiais dissimulam ou obscurecem níveis de significado mais profundos, menos acessíveis (e socialmente menos aceitáveis). Assim estas autoras conduziram a difícil tarefa de levar a cabo a verdadeira autoridade literária feminina, através de uma simultânea conformidade e subversão dos padrões literários patriarcais<sup>2</sup> (GILBERT; GUBAR, 1984, p. 73, tradução nossa).

Nesse sentido, o palimpsesto, à luz dos pressupostos de Gérard Genette (2010, p. 7), pode ser compreendido como um hipertexto, que transforma o texto feminino em uma cifra a ser desvendada. No romance de Chopin, a imagem da deusa grega se esconde de forma subtextual na narrativa, ou seja, é evocada por meio de construções simbólicas, sobretudo pelas constantes evocações do mar, pelo erotismo da protagonista e por seu retorno para as águas míticas no desfecho, com o intuito de subverter a estrutura social pautada pelos valores patriarcais.

### **A simbologia do mar: berço original de Afrodite**

---

<sup>2</sup> “whose surface designs conceal or obscure deeper, less accessible (and less socially acceptable) levels of meaning. Thus these authors managed the difficult task of achieving true female literary authority by simultaneously conforming to and subverting patriarchal literary standards”.

O mar compõe o cenário mais relevante de *The Awakening*, pois a narrativa começa e termina na ilha de Grand Isle. Para Edna, o mar simboliza sobretudo renascimento e transcendência. É nas águas transparentes do Golfo do México que transparece seu desejo por uma vida significativa e, apesar de lhe causar um pavor incontrolável, o mar exerce sobre ela uma atração irresistível, pois “a voz do mar fala à alma. O toque do mar é sensual, envolvendo o corpo em seu suave, denso abraço” (CHOPIN, 2002, p. 29).

O despertar epifânico de Edna ocorre quando ela nada pela primeira vez nas águas de Grand Isle, considerado um batismo que lhe desperta para o seu próprio poder, para desvendar os mistérios de seu mundo interior e sua posição no universo dentro de um cenário místico envolvido pelo mar e iluminado pela lua cheia. Nesta cena carregada de simbologia, a heroína do romance “é misticamente e miticamente revitalizada, renovada, renascida” (GILBERT, 1983, p. 52, tradução nossa)<sup>3</sup>. No berço original de Afrodite,

um sentimento de exultação a tomou, como se um poder de grande importância lhe tivesse sido dado para controlar o funcionamento de seu corpo e sua alma. Ela tornou-se ousada e descuidada, superestimando sua força. Queria nadar para longe, para onde nenhuma mulher havia nadado antes. [...] Ela virou seu rosto em direção ao mar para ter uma impressão de espaço e solidão, que a vasta expansão da água, encontrando-se e fundindo com o céu enluarado, dava à sua excitada fantasia. Enquanto nadava, parecia estar procurando o ilimitado no qual se perder (CHOPIN, 2002, p. 54-55).

O mergulho nas águas do Golfo do México representa um mergulho na subjetividade da protagonista, uma busca por autoconhecimento e libertação, uma vez que “ao nadar para longe da praia onde seu marido prosaico assiste e espera, Edna nada para longe da praia de sua antiga vida, onde ela permaneceu hesitante e ambivalente por vinte e oito anos” (GILBERT, 1983, p. 53, tradução nossa)<sup>4</sup>. Além disso, o mergulho batismal da heroína de Chopin representa o rompimento com as limitações do universo patriarcal, restrições essas que contrariam as novas aspirações para as quais ela acabara de despertar: uma identidade feminina possuidora de um poder que ela até então não conhecia. Assim, o mar representa um espaço distante da

<sup>3</sup> “In whose baptismal embrace she is mystically and mythically revitalized, renewed, reborn”.

<sup>4</sup> “For in swimming away from the beach where her prosaic husband watches and waits, Edna swims away from the shore of her old life, where she had lingered for twenty-eight years”.

cultura patriarcal e, desse modo, caracteriza-se como um elemento simbólico de libertação da personagem, pois

o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento. O contato com a água comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um “novo nascimento”; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida (ELIADE, 1952, p. 147, grifo do autor).

Ao banhar-se nas águas de Afrodite, Edna renasce com uma força que lhe permite superar o medo de enfrentar os desafios que lhe impedem de ser uma mulher livre em busca de realização pessoal. A simbologia do mar representa sobretudo renascimento e revelação, pois

o mar reflete o estado e a condição de Edna Pontellier, ou seja, reflete o próprio instante do vir a ser do despertar – despertar para a subjetividade feminina. O despertar está, assim, de alguma forma relacionado ao espaço insular onde se desenvolve a narrativa: é nas águas do mar que banha Grand Isle, mar que confere a tal local ao mesmo tempo o caráter geológico de ilha, o caráter geográfico de isolamento e o caráter filosófico de estar à margem do logos, que o despertar ocorre inesperadamente. O mar revela-se, dessa forma, o espaço desse despertar, o local onde ele dá-se a ser como dádiva [...]. O mar e a sua essência, a água, são o verdadeiro espaço de *O despertar*, um espaço cíclico e líquido, um espaço feminino (ROSSI, 2010, p. 204, grifo do autor).

Nesse sentido, o espaço marítimo representa o arquétipo do feminino, o berço original de Afrodite, no qual a heroína mergulha para o seu despertar mítico. A colônia de veraneio “é, literal e figurativamente, uma colônia feminina, uma espécie de Lesbos paródicos. De fato, [...], a pensão de Madame LeBrun em Grand Isle é, sobretudo, uma terra de mulheres”<sup>5</sup> (GILBERT, 1983, p. 49, tradução nossa). Lesbos é a ilha relacionada ao culto de Afrodite, cenário em que a poeta Safo escreveu poemas em homenagem à deusa. Além disso, o espaço da ilha figura como um local distante das imposições do patriarcado e das limitações do espaço doméstico em que sua subjetividade é reprimida. Sob esse viés, o mar representa o batismo de Edna nas águas de Afrodite, em que ela renasce para novos impulsos de liberdade e independência, como um

---

<sup>5</sup> “is both literally and figuratively a female colony, a sort of parodic Lesbos. In fact, [...], Madame Le Brun's pension on Grand Isle is very much a woman's land”.



espaço cíclico em que a narrativa começa e termina, um espaço feminino que engendra o despertar da subjetividade da heroína em *The Awakening*.

### A dimensão mítica do romance

A representação de Afrodite e o valor simbólico do mito da deusa constituem a atmosfera mítica implícita no romance. Dessa forma, é possível considerar que *The Awakening* tem o mito como determinante de suas instâncias narrativas, o que assinala a pluralidade de significados da obra, cujo aspecto mítico é evidenciado pela estrutura narrativa que “usa, ao mesmo tempo, fantasia e comentário sobre fantasia para estabelecer o caráter de sua heroína e a natureza de suas personagens” (GILBERT, 1983, p. 45, tradução nossa)<sup>6</sup>.

A cena do jantar de aniversário de vinte e nove anos da protagonista, no capítulo XXX, revela a dimensão mítica do romance. O banquete que Edna oferece aos amigos comemora também a sua libertação das amarras do casamento e, metaforicamente, seu renascimento como uma mulher “régia, como aquela que governa, que assiste, que é única” (CHOPIN, 2002, p. 164). Ao referir-se à beleza de Edna, o personagem Victor Lebrun a compara a Afrodite

Vênus surgindo da espuma não poderia ter apresentado um espetáculo mais extasiante que a Sra. Pontellier, cintilando com beleza e diamantes na cabeceira da mesa, enquanto as outras mulheres eram todas jovens huris, possuidoras de incomparáveis encantos (CHOPIN, 2002, p. 207).

A cena em questão apresenta elementos ricos de significados simbólicos e estrutura literária elaborada com palavras mais apropriadas à fantasia e aos contos de fadas. Tais elementos compõem a aura mítica da festa, cujos convidados estão unidos por “um cordão místico” (CHOPIN, 2002, p. 165). Em uma ambientação ornamentada de luxo e brilho, Edna celebra o poder feminino ao som de uma fonte, sob o aroma de jasmims,

esplêndida em cetim dourado e renda "da cor da pele", ela preside uma mesa igualmente esplêndida, que é decorada do mesmo modo em "cetim amarelo claro", iluminada por "velas de cera em candelabros de bronze maciço", e repleta de "rosas grandes, perfumadas". Mais

<sup>6</sup> “uses fantasy and comments upon fantasy in order to establish the character of its heroine and the nature of her character”.

impressionante ainda, "as cadeiras de jantar duras de sempre" foram "descartadas para a ocasião e substituídas pelas mais cômodas e luxuosas que puderam ser recolhidas pela casa", enquanto "à frente de cada convidado [havia] um minúsculo copo que [brilha] como uma pedra granada", contendo um coquetel especial e mágico. Sentada na cabeceira da mesa, a própria Edna parece igualmente encantadora<sup>7</sup> (GILBERT, 1983, p. 43, tradução nossa, grifos da autora).

Além disso, o jantar tem uma importância crucial na narrativa, uma vez que Edna Pontellier preside a ceia "que a consagra definitivamente como a poderosa deusa do amor e da arte" (Cf. GILBERT, 1983, p. 44, tradução nossa)<sup>8</sup>. O jantar, nesse sentido, figura uma cena pagã, desconstruindo o ritual sagrado da última ceia bíblica da cultura judaico-cristã, visto que

a analogia com a última ceia de Cristo [...] extrapola o rito de passagem e abarca os ritos de nascimento/ morte/ ressurreição. Por essa razão, assim como a leitura da ceia de Cristo com os apóstolos é um ritual sagrado que antecede o ponto mais alto do cristianismo – Morte e Ressurreição – da mesma forma, no romance de Kate Chopin, embora numa perspectiva profana [...] (SROCZYNSKI, 2004, p. 57).

Revisitando a cena bíblica de uma forma profana, o despertar da personagem Edna Pontellier está ligado ao poder feminino da deusa mítica Afrodite, que a inspira a despertar para a sua posição no universo e para o seu "eu" feminino. Sob esse prisma, a obra-prima de Chopin

é uma narrativa que está sob a égide de Afrodite. Edna Pontellier é Afrodite, que é Ísis, que é o arquétipo do feminino. O trajeto do despertar da protagonista poderia ser interpretado como um trajeto de autodescobrir-se de uma deusa: cada vez que Edna mergulha no mar, renova-se, reforça-se contra as limitações que o patriarcado lhe impõe por ser mulher (ROSSI, 2006, p. 167).

---

<sup>7</sup> "splendid in gold satin and lace 'the color of her skin', she presides over an equally splendid table, which is similarly decked in 'pale yellow satin', lit by 'wax candles in massive brass candelabra', and heaped with 'full, fragrant roses'. More strikingly still, 'the ordinary stiff dining chairs' have been 'discarded for the occasion and replaced by the most commodious and luxurious which could be collected throughout the house' while 'before each guest [stands] a tiny glass that [sparkles] like a garnet gem', containing a special, magical-looking cocktail. Enthroned at the head of the table, Edna herself appears equally magical".

<sup>8</sup> "The vocabulary of such a description seems more appropriate to a fantasy, a romance, or a fairytale. [...] the dinner party scene is of crucial importance, for here, as she presides over a Swimburnian Last Supper, Edna Pontellier definitively (if only for a moment) "becomes" the powerful goddess of love and art".

Além disso, a referência ao mito em um romance considerado realista revela o viés crítico e subversivo da ficção chopiniana, uma vez que combina elementos simbólicos às instâncias narrativas, assinalando, por sua vez, um revisionismo crítico sobre a escrita feminina e a busca por um espaço na tradição literária predominantemente masculina, por meio de um gênero literário subversivo, “regenerativo e revisionário, [...] que pretende propor novas realidades para as mulheres, proporcionando novos conceitos míticos por meio dos quais as vidas das mulheres podem ser compreendidas”<sup>9</sup> (GILBERT, 1984, p. 32, tradução nossa). Sob essa perspectiva, *The Awakening*

guarda influências e manifestações das narrativas míticas, tipicamente atemporais. Claramente, essa atemporalidade mítica é contraditória ao Realismo e ao Naturalismo, que pressupõem uma tentativa (evidentemente falha) de chegar o mais próximo possível da realidade. Na verdade, o uso do tempo mítico por Kate Chopin é, em si, também uma desarticulação do pensamento patriarcal na medida em que instaura pontos de irrealidade no que se concorda ser o real e o torna instável, além de ser também uma clara crítica aos pressupostos da escola Realista. Esse uso, extremamente moderno por sinal, da instância narrativa do tempo é uma das características que tornam *The Awakening* inclassificável, irredutível aos modelos de qualquer escola literária do século XIX ou posteriores/anteriores (ROSSI, 2006, p. 139-140).

O caráter inclassificável do romance em modelos literários convencionais imprime o valor revolucionário e o aspecto inovador da arte literária de Kate Chopin, visto que suas histórias evocam o caráter livre de suas personagens que, assim como suas obras, não se enquadram em modelos tradicionais.

### **Representações do sagrado feminino em *The Awakening***

No tocante à questão do sagrado feminino, considera-se que desde o mito de Lilith, “a figurativização extrema do medo patriarcal” (ROSSI, 2011, p.145), a mulher que não aceita a submissão imposta pelas regras patriarcais causa estranhamento, temor e condenação. Dentro da cultura machista, a autoafirmação da mulher é vista como um ato profano. Quando Edna Pontellier afirma que não abriria mão de si mesma, não

---

<sup>9</sup> “a regenerative and revisionary genre, a genre that intends to propose new realities for women by providing new mythic paradigms through which women's lives can be understood”.

pertenceria a ninguém mais além de si mesma (CHOPIN, 2002, p. 90), compreende-se que tais sentimentos assemelham-se aos ideais próprios da divindade, sobretudo porque “Afrodite é, e tem sua energia sexual, para si mesma, para sua própria grandeza, para seu próprio prazer” (GILBERT, 1983, p. 62, tradução nossa)<sup>10</sup>. A deusa mítica, como arquétipo do feminino, é a uma deusa do panteão grego que não pode ser dominada ou controlada por homens ou deuses. Nesse sentido, o poder subversivo feminino se manifesta na figura de Edna Pontellier, como um avatar de Afrodite, que desarticula as imposições da dominação masculina, em busca do “sagrado que é o milagre da vida humana: não da vida enquanto tal, mas da vida portadora de sentido, cuja formulação as mulheres são chamadas a enriquecer com seu desejo e sua palavra” (CLÉMENT; KRISTEVA, 2001, p. 21- 22).

Nesse sentido, a postura transgressora da heroína de Chopin soa como blasfêmia aos ideais regidos pelos preceitos morais do século XIX. Sob esse prisma, o sagrado feminino como símbolo de plenitude, pois “a sacralidade é uma manifestação completa do ser” (ELIADE, 1992, p. 14 e 69), que evidencia a autoafirmação e a autorrealização da heroína de Chopin, revela-se como a busca por um sentido para além das paredes do espaço doméstico, da vida contemplativa e das obrigações familiares. Dessa forma, a concepção de sagrado feminino representado no romance como o poder da deusa Afrodite, que não pode ser dominada por homens e por deuses, que engendra o caminho transgressor percorrido pela protagonista, é considerado profano ao ideário patriarcal, sobretudo por figurar como resistência que desarticula este pensamento.

Rebeldia e resistência constituem atitudes intrinsecamente ligadas ao sagrado feminino, pois “a estranheza ou, digamos, o poder feminino se insinua na ordem social, a ameaça, nela às vezes se integra, permanecendo, porém, rebelde, desejável, jamais passiva ou dócil” (CLÉMENT; KRISTEVA, 2001, p. 24). Em busca de autorrealização, Edna Pontellier age de acordo com os seus impulsos e, por meio do adultério, da liberdade sexual, do abandono do marido e filhos e da independência financeira, personifica o poder sagrado feminino. Como um ícone de poder e transgressão feminina, “Afrodite/Vênus se torna um símbolo radiante da liberação erótica que as

---

<sup>10</sup>“Aphrodite is, and has her sexual energy, for herself, her own grandeur, her own pleasure”.

mulheres [...] começaram a se permitir desejar” (GILBERT, 1983, p. 62, tradução nossa)<sup>11</sup>.

### O emblemático desfecho da heroína de Chopin: suicídio ou renascimento?

A emancipação de Edna Pontellier e a consequente inadequação aos preceitos sociais culminam no seu suposto suicídio no capítulo XXXIX, representado pela cena final do romance após a festa de jantar em que ela nada nua no mar, sob “os milhares raios de sol” (CHOPIN, 2002, p.210). A pintura da cena derradeira em que “seus braços e pernas estavam ficando cansados [...], a exaustão estava impondo-se sobre ela e dominando-a” (CHOPIN, 2002, p. 210 -211) traz uma possível leitura de que a protagonista se afoga no mar. A cena em questão é uma das mais discutidas e controversas em *The Awakening*, considerada como o emblemático suicídio da heroína de Chopin, supostamente provocado por afogamento – típico das heroínas românticas. Entretanto, não se pode afirmar categoricamente que houve um suicídio no final do romance, uma vez que

a conclusão de que há um suicídio ao final de **O despertar** é uma leitura possível e, até o momento, a mais aceita, mas não a única, e isso se deve ao jogo textual criado pela autora, jogo este que desestabiliza qualquer interpretação que tente instaurar uma conclusão definitiva, um fechamento, para o romance (ROSSI, 2011, p. 118, grifo do autor).

Nesse sentido, a ideia de suicídio remete a um ato de fraqueza de Edna, representando a derrota das mulheres que buscam a autoafirmação e encontram um destino trágico como única possibilidade para fugir das imposições sociais, uma vez que o suicídio tem sido representado na literatura de autoria masculina como forma de punição para as heroínas transgressoras como Emma Bovary, da obra-prima flaubertiana, comparação já abordada neste trabalho e a protagonista de Ana Karênina, no romance de Tolstói, pois

a fidelidade da mulher é de suma importância para garantir a perpetuação do poder espiritual e material do homem. Portanto, a liberdade sexual de Afrodite não pode ser tolerada numa esposa,

---

<sup>11</sup>“Aphrodite/Venus becomes a radiant symbol of the erotic liberation that [...] women had begun to allow themselves to desire”.

porque ameaça a própria estrutura da sociedade patriarcal (RAPUCCI, 2011, p. 92).

A partir dessa premissa, a ideia de suicídio reitera o apagamento da mulher, o silenciamento das vozes femininas que clamam por liberdade e questionam a dedicação incondicional ao casamento e à maternidade como forma de realização pessoal. Classificar o ato final de Edna Pontellier como um suicídio é uma leitura simplista que destoa do viés crítico e transgressor da literatura de autoria feminina, especialmente de uma autora revolucionária como Kate Chopin. Em contrapartida, a transformação da heroína em Afrodite sugere que, nascida da espuma, ao mar retorna no desfecho, pois

o último mergulho de Edna não é, em absoluto, um suicídio, ou seja, uma morte, ou, se é uma morte, trata-se de uma morte associada à ressurreição, a uma Sexta-feira Santa pagã e feminina que promete uma Páscoa Venusiana. Por certo, em todo caso, por causa da maneira que nos é apresentado, o suposto suicídio de Edna desempenha o papel não de uma recusa em acomodar-se às limitações da realidade, mas de um questionamento subversivo de ambas as limitações da realidade e do “realismo”. Pois, ao nadar para longe da praia alva de Grand Isle, da colônia de verão vazia e das ficções igualmente vazias do casamento e da maternidade, Edna nada, como dizem as últimas sentenças do romance, não para a morte e sim de volta à sua própria vida, de volta à sua própria visão, de volta à abertura imaginativa de sua infância (GILBERT, 1983, p. 57, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Considerando a independência feminina como tema central da ficção da autora, a simbologia do desfecho em que Edna nada nua no mar representa a pluralidade de significações e o valor transcendente da figura de Afrodite no romance, que evoca a caracterização feminina ousada e subversiva de suas personagens. Assim,

a presença fantasmática do mito de Afrodite inerente à libertação trazida pelas águas batismais de Grand Isle não apenas toma forma e/ou transfigura-se em Edna, mas dissemina-se por toda a narrativa,

---

<sup>12</sup> “Edna last swim is not a suicide – that is, a death – at all, or if is a death, it is a death associated with a resurrection, a pagan, female Good Friday that promises a Venusian Easter. Certainly, at any rate, because of the way it is a death associated with a resurrection, a pagan, female Good Friday that promises a Venusian Easter. Certainly, at any rate, because of the way it is presented to us, Edna’s supposed suicide enacts not a refusal to accommodate the limitations of reality but a subversive questioning of the limitations of both reality and “realism”. For, swimming away from the white beach of Grand Isle, from the empty summer colony and the equally empty fictions of marriage and maternity, Edna swims, as the novel’s last sentence tell us, not into death but back into her own life, back into her own vision, back in the imaginative openness of her childhood”.

dissemina-se por toda a textualidade de Kate Chopin a ponto de se tornar característica fundamental dessa textualidade; dissemina-se, na verdade, para além dessa textualidade e atinge e transforma o universo psicossocial dos leitores ao se tornar um dos textos-chave do Feminismo (ROSSI, 2011, p. 187).

Quando a protagonista entra no mar e não regressa, a construção da imagem final mostra Edna ainda em movimento, figurando que o mergulho metafórico no espaço feminino a conduz a um outro nível de existência, para além das imposições sociais, tornando-se a própria deusa, uma vez que

Kate Chopin nunca permite que Edna Pontellier se torne fixa, imóvel. Nem perfeita, nem corrompida, ela ainda está nadando quando nós a vemos pela última vez. Ela nada em direção ao mítico, ao pagão, ao afrodisíaco (GILBERT, 1983, p. 58, tradução nossa)<sup>13</sup>.

À revelia de uma cena trágica de afogamento, o desenlace do romance revela-se como símbolo de plenitude do feminino, pois “o gozo inscrito nas imagens líricas finais é inconfundível”<sup>14</sup> (PAPKE, 2009, p. 78, tradução nossa), desarticulando, portanto, a conotação simbólica de punição para as personagens femininas que não se enquadram nos moldes patriarcais, comumente representada na ficção pela tradição literária masculina.

### Considerações finais

O mergulho batismal nas águas de Grand Isle desperta o poder sagrado de Afrodite na protagonista do romance. Considerando que “resistir seria a palavra que convém ao sagrado” (CLÉMENT, KRISTEVA, 2001, p. 69), Edna resiste e desarticula a ideologia patriarcal por meio de uma série de “despertares” de subjetividade, liberdade e autoafirmação.

Atribuir ao romance uma dimensão simbólica e evidenciar a ressurreição mítica da deusa Afrodite na obra chopiniana articulam novas possibilidades de compreensão do romance, pressupondo a pluralidade de significados da ficção da autora, cujas ideias subversivas a tornam uma escritora *avant la lettre* e, por essa razão, incompreendida

<sup>13</sup> “Kate Chopin never allows Edna Pontellier to become fixed, immobilized. Neither perfect nor corrupted, she is still swimming when we last see her [...] that direction is toward the mythic, the pagan, the aphrodisiac”.

<sup>14</sup> “the jouissance inscribed in the final lyrical images is unmistakable”.

pelo público de sua época. Edna transcende as limitações impostas à condição feminina por meio do viés revolucionário de seu “despertar” em busca de autorrealização, delineando, assim, o mito de Afrodite implícito no romance.

## Referências

- CHOPIN, Kate. *O Despertar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- CLÉMENT, Catherine; KRISTEVA, Julia. *O feminino e o sagrado*. Trad. Raquel Gutiérrez. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em <http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>. Acesso em 19 dez. 2018.
- ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Trad. Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa: Arcádia, 1952. Disponível em [https://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/eliade\\_micea\\_imagens-e-simbolos.pdf](https://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/eliade_micea_imagens-e-simbolos.pdf). Acesso em 16 abr. 2020.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Trad. Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- GILBERT, Sandra M. The Second Coming of Aphrodite: Kate Chopin’s Fantasy of Desire. *The Kenyon Review – New Series*, Gambier (OH): Kenyon College, v. 5, n. 3, p. 42 – 66, Summer 1983. Disponível em <https://monsonenglish.files.wordpress.com/2013/09/the-second-coming-of-aphrodite-gilbert.pdf>. Acesso em 16 fev. 2019.
- GONÇALVES, Mirna Xavier; SANTOS, Lauer Alves Nunes. *Desdobramentos de Afrodite*. Seminário de história das artes, v. 1, p. 1-16, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11564/7403>. Acesso em 28 out. 2019
- MORAIS, Regis de. *As Razões do Mito*. Org. Campinas: Papyrus. 1998
- PAPKE, Mary E. *So Long We Read Chopin. Awakenings: The Story of the Kate Chopin Revival*. Baton Rouge: Louisiana State UP, 2009.
- RAGUSA, Giuliana. *Fragments de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo*. Campinas(SP): Editora da UNICAMO, 2005.
- RAPUCCI, Cleide Antonia. *Mulher e deusa: a construção do feminino em Fireworks de Angela Carter*. Maringá:Eduem, 2011.
- ROSSI, Aparecido Donizete. *A desarticulação do universo patriarcal em The Awakening, de Kate Chopin*. 2006. 195f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP. Disponível em [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91595/rossi\\_ad\\_me\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91595/rossi_ad_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 19 nov. 2018.
- ROSSI, Aparecido Donizete. *Segredos do Sótão: Feminismo e Escritura na obra de Kate Chopin*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e



Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP. Disponível em [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102372/rossi\\_ad\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102372/rossi_ad_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 10 dez. 2018.

ROSSI, Aparecido Donizete. *Sob a égide de Afrodite: o espaço feminino em O despertar, de Kate Chopin*. Revista de Letras, São Paulo: UNESP, v. 50, n. 1, p. 199 – 215, jan. – jun. 2010. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/3173/2899>. Acesso em 16 jan. 2019.

SROCZYNSKI, Maria Eloisa Zanchet. *A santa ceia e o banquete de Edna Pontellier: a intertextualidade entre o sagrado e o profano*. In: Revista Trama (Cascavel), v. 5, n. 10, 2009. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/4408>. Acesso em 11 abr. 2019.

TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras de crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TOLSTÓI, Leon. *Ana Karênina*. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

WOOLF, V. *Profissões para mulheres*. In: Woolf, V. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 41-50. (Coleção Leitura).

---

Recebido em: 06/12/2020

Aceito em: 21/01/2021